



SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE
O SECULO

Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.*

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CRTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS RUA DO SECULO, 43 LISBOA

Amôr

«O maior numero de barcos afundados pelos submarinos alemães pertence á Hespanha».
(Dos jornaes).



*Quanto mais me bates
Mais gosto de ti!*

PALESTRA AMENA

Um domingo na aldeia

Fez hontem oito dias que esteve um domingo lindo. Parecia que a primavera se tinha antecipado, vencendo definitivamente o teimoso inverno, ou que este, para não molhar as mulheres bonitas—embora a opinião do ilustre cronista do *Seculo*, edição da noite, o elegantissimo literato A. de C., seja de que a chuva as não molha—se tinha arrependido das diabruras que fizera e envergonhado, recolhera á cripta do Tempo com vinte e tres dias de antecedencia.

... E como o dia esteve muito bonito, aproveitámos a circumstancia da Companhia dos Caminhos de Ferro não ter ainda os seus depositos de carvão esgotados e fômos por aí fóra, até certa aldeia distante da capital, na intenção de regressar no dia seguinte.

Fica a povoação longe da estrada, na encosta d'um monte. Da estação mais proxima até lá a viagem faz-se em burro, por duas leguas de caminhos estreitos, entre silvados. Assim nos transportámos, e durante o caminho não podemos deixar de notar a diferença entre o transporte em carro electrico e em jumento; o burro não necessita de *trolley*, pelo que não tivemos de fazer longas paragens; não necessita de carris, logo não descarrilou; não leva senão um passageiro, por consequencia não tivemos de nos queixar de excesso na lotação...

Ao chegarmos á aldeia, a superioridade em relação a Lisboa, que já começava a esboçar-se no nosso espirito e alegre, doirada pelo sol, não apresentava á entrada a menor peia aos visitantes; ausencia completa de guarda fiscal, nenhum ataque dos corretores de hotéis, nenhum moço a oferecer-se para nos levar a malinha de mão, mediante cincoenta centavos por uma distancia de duzentos metros. Aquilo foi perguntar onde era a hospedaria e logo toda a gente a oferecer-se, com rasgada cortezia, para nos indicar a casa, sem guarda-portão nem *chasseurs*, nem telefones, nem aquecimento a não ser o do belo sol, nem um raio que parta os grandes hotéis das grandes cidades.

Bom. Até ali a tal superioridade era evidente. Mas a comida? o pão, sobretudo, não seria metade milho e metade trigo, como em Lisboa? E foi quasi desmaiados de jubilo, que ouvimos dizer ao dono da hospedaria:

—Mistura? isso sim! Aqui só ha brôa. Milho! tudo milho!

E era assim. Uma delicia, de gosto são, definido, franco, e não d'esta indecisão quimica, d'este sabor híbrido da mistura de Lisboa, em que a parte agradável do trigo é neutralizada pela do milho e vice versa.

Falta de carne? Qual! as galinhas eram aos centos, no largo pateo da hospedaria. E coque para o fogão? interrogámos.

—O' senhor! sabemos lá o que é isso! aqui usa-se lenha e caruma. Quem quer vai pela caruma; é de todos.

A' noite, no quarto, não demos pela

debilidade do gaz, porque não o havia. O azeite, como ha um seculo, como ha muitos seculos, era o unico combustivel iluminante dos caseas. E á luz d'ele, clara, cheia, portugueza, escrevemos esta cronica, metendo-nos em seguida na cama, cogitando, no emtanto, em que só n'uma coisa a aldeia não estava mais adiantada que Lisboa: na falta de iluminação nas ruas, o que não nos incomodou, porque nos deitámos higienica e voluptuosamente ás 9 horas da noite—que ali, tambem não são 21 horas, graças a Deus!

J. Neutral.

O' noites de lisboa!

O candieiro em frente da nossa redacção, o 4228, fez-nos o obsequio de nos conceder um dia d'estes uma entrevista. O estado de palidez da sua luz dava-nos tanto cuidado, que não resistimos a incomodal-o de dia, isto é, a acorda-lo, visto que os candieiros é de dia que dormem.

O pobre bico, outrora de incandescencia, bocejou, ou por outra, expeliu



uma fetida baforada gazosa, e declarou:

—Estou efetivamente mal.

—Que doenca tem?

—Muitas, infelizmente. Primeiro, anemia profunda. Depois, envenenamento accentuado...

—Mas por quê?

—Gazes, meu amigo; tenho o estomago cheio de gazes deleterios, introduzidos propositadamente na canalisação.

—Um atentado n'esse caso. E desconfia de alguém?

—Se desconfio?! Tenho a certeza. E' a companhia do gaz que me mata! Sinto-me morrer! E não é só pelo envenenamento e por me faltarem com a alimentação necessaria.

—Então que mais?

—Ha umas noites para cá, não passa ninguem na rua que não embirre comigo. E' cada encontrão!

—Pois temos pena se o amigo vem a succumbir.

—Tambem eu. E sabe? Do meu estado

de fraqueza vae resentir-se e muito a moralidade publica.

—Agora é que não percebemos.

—Assim como do estado de fraqueza dos meus colegas. Olhe: aqui ao lado ha um namoro de rez-do-chão, não ha?

—Ha; temos visto.

—Pois enquanto eu tinha saude illuminava toda a noite os dois namorados de modo que não podiam fazer nada sem que os vizinhos e quem passasse desse por tal.

—E agora?

—Agora... não sei. Mas, estamos em março. Em novembro ou dezembro passe por aqui, que talvez eu lhe possa contar alguma novidade, se ainda fôr vivo!

E arrotou de novo, a venenos.

Falta de ovos

Conta um jornalista americano, o sr. Carl Ackerman, que foi correspondente da *United Press*, em Berlim, as misérias porque estão passando os nossos simpaticos amigos alemães, entre elas a de cada pessoa não poder comer mais de dois ovos por mez.

Temos pena, mas estamos em que esta falta se remediará dentro em pouco, se, como supomos, resulta da escassez de galinaceos.

Em o gallo francez lá entrando na capoeira já a produção aumenta.

Bispos milicianos

Dois bispos portuguezes, não tendo completado ainda 45' anos, foram mobilizados e sobre o caso varios jornaes catolicos e anti-catolicos abriram polemica.

Sabemos que os ditos bispos não se importaram nada com o facto e que outros padres se estão preparando a toda a pressa, militarizando-se o mais possivel, para não estranharem quando forem intimados a vestir a farda.

Praticam já todos os preceitos cato-



licos romanos, devidamente uniformizados e, sempre que podem, dão um tom militar ao respetivo ceremonial; assim, á missa, em lugar de lançarem a benção, aos fieis fazem a continencia; em vez de dizerem *Dominus vobiscum*, gritam *A's armas!* e depois do *Ite missa est*, ordenam: Destroçar! á vontade!

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

A Quaresma

Chegámos, meninas e meninos, ao tempo do jejum, pelo que hei por bem dizer-lhes algumas palavras que se me afiguram convenientes. Jejum é a abstinencia do que não fôr absolutamente necessario ao nosso organismo. Assim, não devem, quanto a carne, comê-la senão devidamente cosinhada: a carne crua, a não ser lá um peçacinho de presunto de quando em quando, devem recusá-la terminantemente. Se se trata de aves, não aconselho ninguém a que as coma com as penas, e se se tratar de peixe tenho também como inconveniente que lhe comam as espinhas.

Pelo que diz respeito a frutas chamolhes a atenção para as cascas e caroços, que um bom cristão respeitador dos preceitos do jejum, tem por dever não ingerir; a casca da noz, a da amendoa, a da laranja, por exemplo, são contra-indicadas n'este tempo, deven-



do cada um fazer o sacrificio de se abster de tais iguarias.

E' inconveniente, como estão vendo, comer de mais. Assim, almoçar duas ou tres vezes por dia, jantar ou ceiar também mais do que uma vez, são praticas que muito convem evitar. E quando digo comer de mais, abranjo igualmente o beber de mais: tres ou quatro litros de vinho a cada refeição e por cada individuo representam um excesso digno de censura; o mesmo digo com respeito a bebidas brancas. reprovando o procedimento de todo aquele que com o café beba mais d'uma botija de genebra ou uma garrafa de cognac.

Estas regras tê-las-hão como muito recomendadas, não só por motivos de ordem religiosa como também de ordem economica, em vista do estado de guerra em que nos encontramos. Depois da guerra tirarão o ventre de miserias, mas por enquanto alimentem-se apenas, os que tiverem dinheiro para isso, no Tavares, Martinho ou no Avenida Palace, e os que o não possuírem tenham fé nas providencias do governo que dentro de dois ou tres anos, o mais tardar, resolverá o problema dos transportes e inundará o mercado de carvão e de trigo. Tenho dito.

Bonaparte

(Aluno do Liceu Camões).

EM FOCO



General Tamagnini de Abreu e Silva

Vae comandar a gente portugueza
Nas hostes triunfaes d'um aliado,
O nosso bom e intrepido soldado
De nunca desmentida fortaleza.

Não tem dificuldades esta empreza,
Tão generoso ele é, tão denodado;
Já o conhece a França; lado a lado
Do seu, já lhe mostrou a gentileza.

Bem sabe o general que sob a farda
Do galucho mais pobre e miserando
Moram riquezas, heroismo em barda.

Com seu aspéto comedido e brando
Dêem-lhe uma guitarra, uma espingarda
E mata e morre sem tremer, cantando...

BELMIRO.

E' de mais!

Ultimamente o pratinho dos jornaes democraticos é atirarem se ao sr. Brito Camacho, sob todos os pretextos. Lê a gente, por exemplo, um anuncio dos gabões de Aveiro, uma noticia policial, um eco elegante, etc., lá vem, encoberta, uma referencia desagradavel ao chefe do unionismo.

Assim, ha dias, lia-se n'um dos referidos jornaes, n'um artigo intitulado *Higiene e beleza* - titulo que já de si é uma sangrenta ironia ao sr. Brito Camacho: «Começarei por vos dizer que ha peles muito secas, muito oleosas, demasiadamente asperas».

Querem mais claro? A aspereza, então, é uma evidente alusão á pouca macieza que os chefes dos outros partidos lhe encontram quando tentam passar-lhe a mão por cima, em festinhas.

Deputadecos

Um reporter de certo jornal portuguez, atualmente em serviço em França, assistiu em Paris a uma sessão na Camara dos Deputados, e concluiu que alguns dos nossos são *deputadecos*, porque se apresentam em S. Bento com capa de borracha.

E' que ás vezes aquilo, lá dentro, está a pedir chuva.

O pão nosso

Ao deitar da cama, uma senhora religiosa ensina o filho a resar:

—Dize comigo, Mimi: «... o pão nosso de cada dia dae-nos hoje...»

Mimi, interrompendo:

—O' mamã! Não é melhor dizer: «o pão que havia de antes dae-nos hoje?»

* * *

N'um exame de farmacia.

O examinador:

—Bem: já me disse como se faz uma pomada, um emplastro, etc. Diga-me agora como faz o pão...

O examinando:

—Perdão: eu aprendi para farmaceutico e não para padeiro. De mais, para um alferes miliciano é deprimente...

—Essa resposta é de germanofilo. Está reprovado.

* * *

Trecho de uma carta de um official portuguez que está na França:

«Sim, meu caro amigo; já estou tão



habituação á guerra que me parece que sou capaz de engulir balas...»

Resposta de cá:

«... pois, meu caro, tu és capaz de engulir balas e eu todos os dias as digiro em açorda...»

* * *

Um criado, servindo á mesa n'um restaurante:

—Ao menos agora não ha pão para ricos nem para pobres; um só e se fizer mal tanto o faz aos criados como aos freguezes. Aqui estou eu que hontem ao almoço fiquei sem dois dentes por trincar pão...

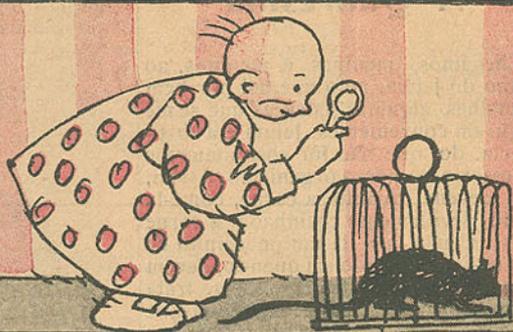
O freguez:

—Enquanto houver homens, hade haver desigualdades, meu amigo. Você ficou sem dois dentes e a mim, também, hontem ao almoço, um pão partiu-me tres!

Manecas inventor



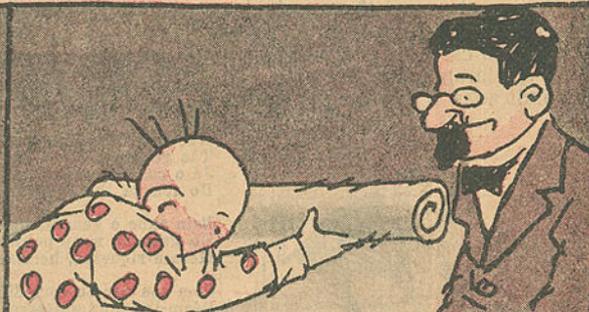
1.—Em vista da crise de carvão Manecas pretende inventar um motor que não necessite de minerais nem de vegetais, porque estão carlíssimos.



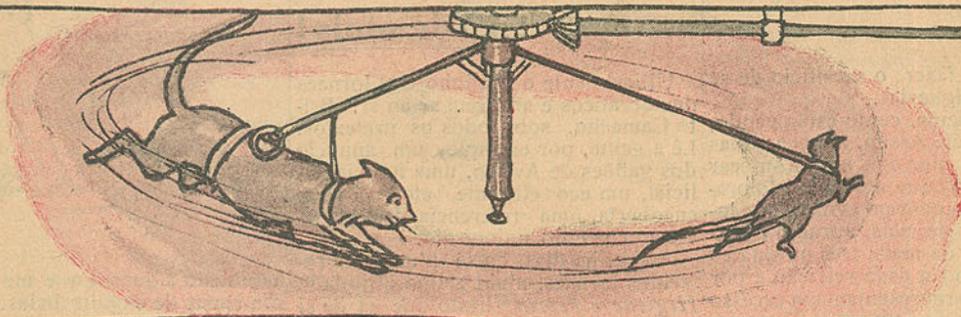
2.—A presença d'um rato sugere-lhe a idéa de aproveitar uma substancia animal...



3.—e logo desenha um magnífico plano



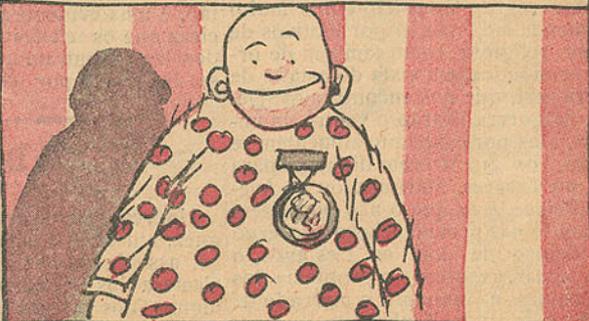
4.—que apresenta ao salvador da patria.



5.—Inventara, nem mais nem menos do que o motu-continuo, prendendo a um maquinismo de rotação um gato e um rato, que nunca se encontrarão nem cessarão de correr!



6.—E' felicitado pelo governo.



7.—condecorado e feito socio de todas as Academias, Inclusive a do Cabreira, na qual é feito presidente da Secção de Inventos e artes correlativas.